

Capítulo VIII

Solidariedade

A população de Monsenhor Tabosa, sempre demonstrou ser possuidora de grande senso de solidariedade diante de fatos e/ou situações que exigissem a expressão de tal sentimento. Se alguém adoecia por períodos prolongados e fosse obrigado a ficar de cama em casa, vez que naquela época a cidade não dispunha ainda de um hospital, não lhe faltavam visitas e companhias diuturnas, as denominadas sentinelas. Lembrome do senhor Messias Vasconcelos que fora acometido de uma enfermidade prolongada, que lhe levaria a óbito alguns meses depois, quando uma expressiva manifestação de apoio e solidariedade foi prestada ao paciente e à sua família. Senhor Messias e sua família residiam na localidade de Barriguda e, salvo engano, sua doença e o conseqüente óbito, ocorreram no ano de 1961.

Apesar de pobre na quase totalidade de seus habitantes, em Monsenhor Tabosa não se viam muitos mendigos, exceto em épocas de festas, quando iam de fora. Da cidade mesmo, ou seja, do município, tornou-se muito conhecido, o Antônio Serra Nova, que além de uma enorme enfermidade crônica no membro inferior direito, sofria de um sério problema na coluna, o que lhe obrigava a andar com o tronco na horizontal. Rude e sem qualquer malícia, falava errado e às vezes criava frases e orações que serviam de graça. Andava muito pelos sítios e fazendas do município e às vezes se “hospedava”, em alguma residência, preferencialmente onde tivesse um certo conforto, pois também era humano.

Ao se referir à hospitalidade de uma certa família onde costumava se “hospedar”, dizia: “Na casa do seu F. a gente toma leite (leite), come lanzudo (carneiro), as moças me dão o chapêto(cafê) e à noite, cantam e tocam no violão(violão).

Certa ocasião, ao pedir esmola em uma residência da cidade, justificou seu pedido alegando que estava só com um ovo. Maliciosa e brincalhona, a dona da casa perguntou: “E cadê o outro Serranova? O outro, João comeu. Respondeu o pedinte, (João era o irmão de Serranova). Serranova queria dizer que dos dois ovos que tinha em casa para a alimentação dele e do irmão, cada qual tinha comido um.

Conheci também mendigando, Dona Cândida, sogra do senhor Antônio Justino. Um dia, ao pedir e receber uma esmola de uma jovem que atendia na mercearia do pai, no mercado, fez o seguinte agradecimento: “Obrigada minha filha, Deus te dê um bom parto”. A moça que sequer pensava em se casar, respondeu com um “amém”!

Havia, também, pessoas que embora não mendigassem de forma ostensiva, viviam da caridade pública, como era o caso de Maria do Gildo, doente, viúva e muito pobre, que residia sozinha em um quarto no final do “Rabo da Gata”. Quando mais nova e menos doente, costumava sair para visitar as famílias e de lá só saía quando almoçava ou jantava, conforme o horário. Já prostrada, esperava que lhe levassem a

comida, o que vi muitas vezes ser feito por uma moça da cidade, muito voltada para as causas sociais.

Além da comida, Maria do Gildo esperava e quando não o faziam espontaneamente, pedia às pessoas para lhe darem banho, desentupirem seu cachimbo e darem destino ao conteúdo de seu penico, pois em sua casa não tinha banheiro. Lembro-me de um rapaz que, elegantemente vestido e igualmente perfumado, uma vez que ia encontrar com a namorada, ao passar em frente à casa de Maria do Gildo, para pedir-lhe a bênção, foi por ela convidado a executar tal tarefa. O rapaz fez o que lhe foi possível.

Maria do Gildo era parenta de minha avó Ana Rosa, o que nos impunha a chamá-la de tia. Não sei exatamente, qual seria o grau de parentesco. Quando ouvia tocar o sino, em sinal de que alguém tinha morrido, costumava dizer: “Morreu, agora vai pagar o que fez, era muito do ruim.” Às vezes não sabia sequer, o nome do falecido.

Foi a única pessoa da cidade que não conseguiu ver a imagem de Nossa Senhora de Fátima quando a mesma, de passagem por Monsenhor Tabosa, ficou exposta no átrio da matriz, à veneração dos católicos. Idosa e doente, portanto com dificuldades de locomoção, Maria acomodou-se com antecedência no interior da igreja na esperança de que a santa fosse ali colocada, mas para sua frustração, ocorreu o contrário e quando percebeu o equívoco já era tarde, a santa já havia sido retirada pois ficou pouco tempo na cidade.